

O LIVRO - OBJETO E MATÉRIA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Vanusa Cristina de Lima Oliveira
Educatora e assistente social

Orientador Giuliano Tierno de Siqueira

RESUMO: Neste artigo descrevo a minha experiência como contadora de histórias utilizando o livro como objeto e matéria que desperta o “descobrir” das histórias que ele próprio possui, seja um livro de literatura seja um livro sagrado como a Bíblia Sagrada dos cristãos. E a partir de discussões a respeito do uso do objeto livro na contação de histórias como sendo matéria também pertencente à mediação de leitura, destaco alguns pontos dessa discussão com o objetivo de identificar e caracterizar o que considero próprio dessa minha experiência. O que descrevo aqui vai dialogando com falas e pensamentos de educadores e contadores de histórias.

Palavras-chave: livro, contação de histórias, mediação de leitura.

Introdução

Os livros têm o lado de fora & e o de dentro. Por fora o livro é: encadernação, costura, cola, papel e tinta. Geralmente eles cheiram muito bem. Eles podem ser de todas as cores, menos a cola e a costura. (Você consegue vê-las? São invisíveis?) e a tinta, preta quase sempre. O lado de fora de um livro às vezes é uma sobrecapa que o mantém limpo. Outras vezes também é do lado de fora que ele diz exatamente o que está dentro. Há uma razão para quase tudo. Na maioria, os livros são bons de segurar. (Uns são muito pesados; nenhum é leve demais.). Eles podem vir em vários formatos e tamanhos. Cada pedaço de papel, num livro, faz duas páginas... Uma página de cada lado. As duas são necessárias. O que não acaba em uma continua na próxima. (Murray McCain, Livros! 2014, ficção infantojuvenil americana).

Este presente artigo trata da minha experiência com o uso do livro na contação de histórias, seja com um livro de literatura seja com um livro considerado Sagrado¹, no meu caso específico, com a Bíblia Sagrada dos cristãos.

Aprecio muito conhecer as histórias que estão escritas nos livros. Para mim é fascinante extrair do livro aquilo que o autor se propôs a escrever e combinar isso ao que o leitor se propõe: “o descobrir”. É claro, considerando que cada leitor tem uma leitura

¹ Sagrado em maiúsculo por significar o livro religioso dos cristãos.

particular e, portanto, podemos ter múltiplas leituras e “descobertas” do mesmo livro, o que pode não esgotar “o descobrir” sobre o que o autor se propôs a escrever.

Ao ter o livro em minhas mãos, sinto-me livre para fazer com ele o que eu desejar: manipulá-lo, cheirá-lo, folheá-lo, degustá-lo, apresentá-lo, contá-lo, e, com licença poética, continuar a história com a minha própria narração. E ao contar a história com o livro ou a partir dele também desejo que o ouvinte tenha liberdade para o seu “descobrir”. Esse “descobrir” que não desejo nomeá-lo nem tampouco decifrá-lo aqui, lembrando as diversas leituras que podemos ter do mesmo livro, e cada leitor tem a sua leitura, dessa forma prefiro apenas citar uma pequena frase de Marisa Midori Deaecto prefaciando Michel Melot(2012, p.12):

O ato de abrir e fechar um livro, sempre tão carregado de emoção, não perdoa o leitor mais desavisado. Há sempre uma promessa quando um livro se abre, no limite, a esperança de se encontrar, encerrada entre duas capas, toda a verdade do mundo.

Assim, dividi este artigo em assuntos que considero necessários para abordar a minha experiência. Primeiro, o que o livro provoca a partir de sua mais simples concepção: como um objeto que contém folhas impressas presas umas nas outras em forma de dobras entre duas capas, e, como matéria que possui um conteúdo. Logo em seguida destaco um livro em especial, a Bíblia Sagrada, o Livro Sagrado dos cristãos, no qual encontro as histórias que fazem parte do meu repertório. Depois descrevo a minha experiência com o uso do livro no meu ato narrativo.

Neste artigo sinto a necessidade de trazer também uma breve reflexão sobre o uso do livro na contação de histórias e na mediação de leitura. Trago essa reflexão porque participei no primeiro semestre do ano de 2014 de um curso de mediação de leitura com alguns profissionais de diferentes áreas, e, para minha surpresa, porque realmente eu desconhecia, houve discussões fervorosas sobre esse assunto como relatarei neste artigo e que me fez pensar e indagar sobre o que eu fazia com o livro: mediação de leitura ou contação de histórias?

Em minhas considerações finais brevemente identifico o que realmente faço com o livro e o que ele representa para mim.

1. O livro pelo livro, prazer em conhecê-lo

Para mim o livro é um objeto de arte, um objeto estético. Se formos falar da função, o livro sensibiliza, desenvolve o espírito crítico, instrumentaliza, é ferramenta de formação das pessoas e pode provocar experiências estéticas especiais [...]. O livro tal como o conhecemos é uma invenção medieval, o livro com capa, com cadernos, índice etc., trata-se de um objeto muito velho. Mas ninguém inventou um melhor do que esse, concordam? Eu brinco que o livro é um objeto perfeito, assim como a bicicleta e o guarda-chuva. Depois de achar sua forma ideal ninguém inventou nada melhor. (escritor e ilustrador Fernando Vilela no Conversas ao Pé da Página. Crianças e jovens no século XXI: leitores e leituras, 2013, p. 130).

Entendo que o livro tem a sua forma e possui um conteúdo que será desvendado ao ser lido ou quando ouvido por meio daquele que o lê em voz alta. E ao desvendar o seu conteúdo, seja lendo ou ouvindo, acredito que acontece uma espécie de experiência em cada pessoa, seja o leitor, seja o ouvinte. Na conceituação de Larrosa (2002, p.24): *“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.”*

Considero que o leitor ou o ouvinte torna-se o sujeito da experiência. Assim, Larrosa diz que: *“...o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura.”* (idem).

Nesse sentido, para mim o livro possibilita o mergulhar em algo que estamos por “descobrir”, seja aquele que lê seja aquele que ouve a sua leitura. Há um “despertamento” do corpo para esse descobrir; e esse “despertamento” pode ser identificado até como uma paixão. E o que é uma paixão senão um sentimento de grande entusiasmo desvendando o que desejamos. Assim, vejo o livro, que pode provocar essa paixão, a mesma que nos ajuda a desvendar o seu conteúdo. Citando ainda Larrosa, ele descreve a paixão como uma experiência que nos acontece e que somos como um território de passagem. E é nessa passagem que vivenciamos as experiências e que isso nos possibilita o “descobrir”.

O livro é um desvendar de algo, é uma revelação que está entre suas duas capas. Segundo Michel Melot (2012, p.50):

O livro se torna, então, para ele mesmo, sua própria caixa, [...]. Abrir um livro torna-se, através de um mesmo gesto, o mesmo que abrir uma caixa e ter acesso ao conteúdo. O livro será dessa maneira semelhante a um cofre, a uma casa, a uma tumba, ou ao próprio corpo humano.

O livro pode provocar sensações, emoções e pensamentos que são as “verdades do mundo” no olhar do autor que o escreveu e que a priori se encerram entre duas capas, mas que pode também apenas assinalar que existem “essas verdades no mundo”. E aqui vejo com o

olhar de quem lê o livro. Aquele que lê já tem a leitura do seu próprio mundo e que se somará agora à leitura desse livro. Citando Paulo Freire (2011, p. 19-20):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

A leitura do mundo vem antes da leitura escrita. Mas após a leitura escrita, esta se junta à leitura do mundo dando um dinamismo às duas leituras. Então, com a leitura escrita que cada um tem se misturando depois com a leitura do mundo criam-se outras leituras, e pode se fazer tantas coisas: pensar, escrever, construir, criar, destruir, armazenar, jogar... Aí se vão verbos e mais verbos....

Interessante observar que com o passar dos anos, e mesmo com os avanços tecnológicos, o livro como conhecemos hoje com suas folhas impressas entre duas capas ainda resiste ao tempo. E tudo indica que ele ainda persistirá, observando, inclusive, essa tecnologia, que ela própria cria e reproduz os conteúdos de muitos desses livros em telas digitais. Tudo indica que o livro impresso com suas duas capas resistirá, pelo menos por uns bons tempos.

No Brasil, como diretriz para uma política pública com o intuito de difundir o livro e a leitura e, assim formar uma sociedade leitora, foi instituído o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, por meio da Portaria Interministerial Nº 1.442, de 10 de agosto de 2006, pelos Ministérios da Cultura e da Educação. E, em 1º de setembro de 2011, o PNLL foi instituído pelo decreto nº 7.559.

Aqui podemos ver o grau de importância do livro para a formação de uma sociedade leitora. Uma iniciativa do poder público que teve a participação de uma parcela da sociedade civil em encontros de discussões e debates. Segundo informações no site do Ministério da Cultura, participaram desses encontros em todo o país:

representantes de toda a cadeia produtiva do livro – editores, livreiros, distribuidores, gráficas, fabricantes de papel, escritores, administradores, gestores públicos e outros profissionais do livro –, bem como educadores, bibliotecários, universidades, especialistas em livro e leitura, organizações da sociedade, empresas públicas e privadas, governos estaduais, prefeituras e interessados em geral.

O livro é sem dúvida um objeto e uma matéria que provoca ações e transformações de alguma forma seja no indivíduo, seja num grupo social, seja numa sociedade. E é claro que “*A leitura é uma ferramenta para a equidade, para a inclusão social, é uma dimensão de prazer e de desfrute infinitos e, claro, é um direito.*”, como disse Socorro Venegas, no Conversas ao

Pé da Página. Crianças e jovens no século XXI: leitores e leituras, 2013, p. 164. Ela foi diretora de Fomento de la Lectura y del Libro de Conalculta – Conselho Nacional para a Cultura e as Artes - Ministério da Cultura no México, até 03/2013.

2. O Livro

O livro aqui em destaque trata-se do meu principal repertório, refiro-me ao Livro Sagrado dos cristãos, a Bíblia. Conforme descrição de Giraldi (2008, p. 17):

A palavra grega bíblia, no plural, deriva do grego bíblos ou bíblion, que significa rolo ou livro. Biblos era o nome de uma cidade fenícia onde eram produzidos os rolos de papiro usados para se fazerem livros. No latim medieval, a palavra bíblia era usada no singular e significava uma coleção de livros ou a Bíblia. A palavra bíblia não aparece na Bíblia. Foi São Jerônimo, tradutor da Vulgata Latina, quem chamou pela primeira vez de biblioteca divina o conjunto dos livros do Antigo Testamento e Novo Testamento, que formam a coleção de livros divinamente inspirados dos cristãos, também chamada de Escrituras Sagradas ou Livro Sagrado.

Antes de prosseguir é importante frisar que este Livro para os cristãos tem como objetivo disseminar os seus ensinamentos à humanidade, seguindo as ordens que estão no próprio Livro “*Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.*” (citação no Livro de Marcos 16:15)². A palavra evangelho, segundo Kaschel(1999), no dicionário da Bíblia de Almeida têm dois significados:

1) A mensagem anunciada por Jesus Cristo e pelos apóstolos, conforme está no livro de Romanos 1:15 “por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma.” Evangelho em grego quer dizer “boa notícia”. 2) Nome dado a cada um dos quatro primeiros livros do Novo Testamento: Mateus, Marcos, Lucas e João. Esses livros apresentam a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo.

Então, se é um Livro Sagrado por que está num artigo sobre contação de histórias?

Porque nesse Livro tem histórias. Ele inicia relatando a criação do mundo, segundo a concepção cristã, e a história do povo israelita, também chamado de hebreus, e seu relacionamento com o seu Deus, este povo localizava-se ao que hoje ainda chamamos de Oriente Médio. Essa história foi escrita num período de 1.600 anos com textos divididos em dois períodos: Antigo Testamento, escrito em duas línguas: no hebraico e no aramaico; e o Novo Testamento, escrito no grego. E é no Novo Testamento que há o nascimento de Jesus Cristo, que divide a História da humanidade, em antes e depois dele. E é também no Novo Testamento que aparecem os primeiros cristãos, os seguidores de Jesus Cristo.

É importante ressaltar que antes dessa história ser escrita, especificamente as histórias do Antigo Testamento eram contadas na tradição oral. E contar essa história

² Bíblia Shedd. Editor responsável Russel P. Shedd, p. 1419.

...era uma forma de preservar a cultura do povo, de fazer com que soubessem quem eles eram e como eram diferentes dos seus vizinhos. As histórias serviam para lembrar aos hebreus o que os tornava especiais. Conforme o tempo foi passando, contar histórias deixou de ser uma prática familiar e passou para grupos maiores. Contadores de histórias profissionais se tornaram comuns. Muitos desses contadores recitavam textos em reuniões da comunidade para celebrar datas especiais. Ao contarem as suas histórias, eles, talvez, as embelezassem para estimular o interesse da sua audiência, mas não ousavam distanciar-se do ponto principal, nem alterar qualquer verdade essencial. Se eles tentassem fazer isso, os seus ouvintes os condenariam, porque todos conheciam essas recitações suficientemente para serem familiarizados com elas e não tolerariam nenhum desvio significativo delas. Eram a fé e a cultura deles que estavam sendo transmitidas nessas histórias. (Miller, pag. 13).

Nos escritos no Antigo Testamento, no livro de Deuteronômio 31:12³, o próprio Deus ordena e orienta como o povo israelita deveria contar a história sobre Ele e os seus feitos:

Ajuntai o povo, os homens, as mulheres, os meninos e o estrangeiro que está dentro da vossa cidade, para que ouçam, e aprendam, e temam o Senhor, vosso Deus, e cuidem de cumprir todas as palavras desta lei.

Ainda no Antigo Testamento, o rei Davi afirma que haverá a contação sobre Deus e os seus feitos ao povo israelita, está no livro de Salmo 145:11-13⁴:

Falarão da glória do reino e confessarão o teu poder, para que aos filhos dos homens se façam notórios os teus poderosos feitos e a glória da majestade do teu reino. O teu reino é o de todos os séculos e o teu domínio subsiste por todas as gerações.

No livro de Salmo 48:12-14⁵, escrito por outros salmistas, orienta como observar para contar com os seus detalhes:

Percorrei a Sião, rodeia-a toda, contai-lhe as torres; notai bem os seus baluartes, observai os seus palácios, para narrardes às gerações vindouras que este é Deus, o nosso Deus para todo o sempre; ele será nosso guia até à morte.

Já no Novo Testamento, o próprio Jesus Cristo utilizava-se de histórias para falar dos ensinamentos de Deus. Hoje, Jesus Cristo é considerado para os cristãos o maior contador de histórias, isso porque ele ensinava por parábola, que é segundo o Dicionário da Bíblia de Almeida⁶:

Geralmente história curta ou comparação baseada em fatos verdadeiros com o fim de ensinar lições a respeito do Reino de Deus, ou de sabedoria ou moral.[...]. São 44 parábolas de Jesus registradas nos Evangelhos[...].

³ Bíblia Shedd. Editor responsável Russel P. Shedd, p. 296.

⁴ Idem, p. 906-907.

⁵ Idem, p. 816.

⁶ Dicionário produzido a partir das Bíblias feitas por João Ferreira de Almeida: Edição Revista e Corrigida e Edição Revista e Atualizada.

Acredito que as parábolas mais conhecidas hoje no meio cristão são: *o bom samaritano* (Lucas 10:25-37)⁷; *o credor incompassivo* (Mateus 18:23-35)⁸; *o filho pródigo* (Lucas 15:11-32)⁹; *os lavradores maus* (Mateus 21:33-46)¹⁰; *a ovelha perdida* (Lucas 15:3-7)¹¹; *o semeador* (Mateus 13:3-9 e 13:18-23)¹²; *os talentos* (Mateus 25:14-30)¹³; e *os trabalhadores da vinha* (Mateus 20:1-16)¹⁴.

Mas, contar as histórias do Livro Sagrado não o deixa de ser Sagrado?

Michel Melot observa que os cristãos não cultuam a Bíblia, que ele chama de Livro, para ele há a dessacralização desse Livro. No entanto, há o respeito pelo Livro, “*Ele é venerado, mas não adorado.*” Ele ainda cita (2012, p.42):

O cristianismo, ao dessacralizar a materialidade do Livro, abriu a via de sua laicização e de sua instrumentalização humana, colocando a forma e, por meio dela, o poder do livro sagrado no domínio público, por assim dizer, transformando um objeto protegido em uma espécie de “software livre”.

Então tornar o Livro Sagrado domínio público significa “dessacralizá-lo?”

Divulgar as histórias desse Livro o torna conhecido, e a pessoas podem ter acesso a essas histórias para conhecê-las, talvez para ter um juízo de valor, aprender os seus ensinamentos, fazer reflexões ou apenas para conhecê-las. Mas, vejo que é importante as pessoas terem acesso a essas histórias, que elas as conheçam. Entendo que esse conhecimento das histórias desse Livro e essa liberdade de torná-lo público e acessível não tira o seu caráter de Livro Sagrado.

Destaco que hoje tem várias traduções desse Livro, inclusive destinados a vários públicos específicos, principalmente ao que se refere à linguagem acessível: para crianças (com ilustrações, também em poesia e narrações curtas), para adolescentes(em quadrinhos e em mangá), para jovens, para homens, para mulheres, para avós, para líderes religiosos e

⁷ Bíblia Shedd. Editor responsável Russel P. Shedd, p. 1448.

⁸ Idem, p. 1360.

⁹ Idem, p. 1459-1460.

¹⁰ Idem, p. 1365-1366.

¹¹ Idem, p. 1459.

¹² Idem, p. 1349-1350.

¹³ Idem, p. 1373-1374.

¹⁴ Idem, p. 1362-1363.

pesquisadores. Todas essas traduções trazem também abordagens de assuntos específicos para cada público, com comentários, curiosidades, análises e descrições históricas.

Portanto, acredito que contar as histórias desse Livro, tornar essas histórias conhecidas por meio da contação de histórias, de maneira alguma o deixa de ser Sagrado para os cristãos, até porque ele não perde o seu significado nem a sua inspiração e sua autoria divina, conforme está escrito no próprio Livro, em II Timóteo 3:16:¹⁵

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.”

As histórias desse Livro me despertam para o “descobrir”. Descobrir ensinamentos, situações, emoções e tantas coisas que me provocam ainda mais o desejo e a paixão para conhecer mais e mais as suas histórias e também contá-las a outras pessoas.

3. O livro no meu ato narrativo

Comecei a contar histórias para as crianças aos meus 12 anos de idade. Essas histórias eram de livros que eu tinha em minha casa: *O rei Midas*, *Chapeuzinho vermelho*, *Cinderela*, *O pequeno Polegar*. Todas essas histórias eram publicações simples e resumidas e sem os nomes dos autores. E foi nessa época que também comecei a contar as histórias do Livro Sagrado, a Bíblia.

O tempo foi passando e a paixão por histórias aumentou. E quando adulta tive a oportunidade de contar histórias para crianças em vários lugares(em casas de amigos, em eventos, na rua, na igreja e em organizações sociais).

Com a Bíblia, pude contar diversas histórias: um escravo que virou o governador de todo o Egito; uma moça que participou de um grande concurso de beleza, e com isso tornou-se a rainha de um grande império e pode salvar o seu povo da morte; de um rei que invejou uma plantação de uvas de um homem e permitiu a sua morte traçada por uma trama para que tivesse essa plantação; de um menino que tinha apenas cinco pães e dois peixinhos e com isso alimentou mais de cinco mil pessoas; de um copeiro que se tornou o maior líder de um povo; de um rei que mandou dividir um bebê vivo ao meio para dar a duas supostas mães; de um homem que construiu um grande barco para salvar sua família e os animais de um grande dilúvio; e tantas outras histórias.

¹⁵ Bíblia Shedd. Editor responsável Russel P. Shedd, p. 1697.

Ainda continuo contando as histórias da Bíblia Sagrada. Como também continuo contando histórias de outros livros. Estes são livros de literatura que podemos até classificar como infantil e infantojuvenil, mas que podem interessar a um público de qualquer faixa etária. São livros como: *A roupa nova do imperador* de Hans Christian Andersen¹⁶, *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* de Mem Fox¹⁷, *Cornélios* de Leo Lionni¹⁸, *A árvore generosa* de Shel Silverstein¹⁹, e tantas outras histórias.

Na minha experiência, o livro é o objeto e a matéria que tem o conteúdo e a informação da história, assim utilizo o livro de várias formas durante a contação. O objetivo é mostrar aos ouvintes que a história foi extraída de um livro e não de outro lugar. No momento da contação, o livro tem um grande valor, tem uma grande importância e significado, até porque nele há a história que será contada.

Às vezes inicio mostrando e apresentando o livro e depois faço leitura de uma parte dele. Continuo a história com a minha própria narrativa, portanto, sem o livro, mas não perdendo o conteúdo daquela história. Leio novamente um ou outro trecho no livro acompanhando o desenvolvimento da mesma história.

Outras vezes inicio com objetos que dizem respeito à história a ser contada ou eles configuram os próprios personagens, e faço uma narrativa própria, depois pego o livro e leio alguns trechos, pequenos ou longos, ou peço para algum ouvinte ler um trecho.

Durante a contação de história, algumas vezes, utilizo imagens visuais, música, diálogo com os ouvintes ou jogos. Assim, conto a história de várias formas, porém, nunca esquecendo que o livro é o objeto e a matéria da minha contação, e, portanto, é ele quem proporciona a história a ser contada.

Ressalto que aqui é a minha experiência na contação de história, que é com o livro, e em nenhum momento deixo de considerar que há outras formas de contar uma história, por exemplo, seja com o uso exclusivo de objetos, seja com mímicas, seja exclusivo com a narrativa oral que é realizada a partir da memória do contador de histórias.

¹⁶ Versão resumida de uma fábula de H. C. Andersen; ilustrada por Eve Tharlet; tradução Monica Stahael. São Paulo: Martins Fonte, 2001.

¹⁷ Escrito por Mem Fox; ilustrado por Julie Vivas; tradução de Gilda Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

¹⁸ Escrito por Leo Lionni; tradução Monica Stahael. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

¹⁹ Escrito por Shel Silverstein; tradução Fernando Sabino. 12ª edição. São Paulo: Cosac Naif y, 2006.

Ao final, apenas desejo que todos percebam que a história contada por mim está num livro, naquele determinado livro, e qualquer pessoa poderá ter acesso àquela história. O seu acesso será naquele livro em específico. Nesse momento identifico que poderá vir o despertamento do “descobrir”, a partir da experiência que foi permitida a cada ouvinte, e que continuará a experiência caso ele se torne o leitor. Como escrevi logo no início deste artigo, para mim é maravilhoso conhecer e descobrir as histórias através dos livros, e é isso que tento transmitir quando conto as histórias com ele.

4. Com o livro conto histórias ou faço mediação de leitura?

Trago essa reflexão porque participei de discussões sobre o uso do livro na mediação de leitura e na contação de histórias e considerei pertinente para repensar a forma como eu trabalho com o livro na contação de histórias. De fato, eu não conhecia essa discussão e que ela já existe há muito tempo entre os educadores e contadores de histórias, e que gera divergências e conflitos.

Essas discussões deram-se no Curso de Formação de Multiplicadores de mediadores de leitura que fiz no primeiro semestre do ano de 2014, pela Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Nesse Curso foi possível discutir sobre a mediação de leitura e a contação de histórias com um grupo de pessoas que naquele momento trabalhavam com o livro literário, eram bibliotecários, contadores de histórias, professores e organizadores de saraus. Os seus trabalhos eram realizados em diversos espaços: escolas, livrarias, praças, bibliotecas e organizações sociais.

Na minha experiência apresento e leio o livro em voz alta. Para algumas daquelas pessoas isso é mediação de leitura, mesmo quando acontecem algumas inferências durante a leitura, como por exemplo, a mudança de voz dos personagens. Então, será que é mediação de leitura o que faço?

Mas, com o livro em cena, e com modificação na voz durante a leitura, como do narrador e de uma personagem ou quando há uma frase que sugere delicadeza ou agressividade. E mais, em certos momentos, o livro sai de cena e entram objetos ou entram diálogos com os ouvintes. Para outras pessoas daquele grupo isso sem dúvida alguma é contação de histórias. Então, faço contação de histórias, certo?

A artista, autora e educadora Marie Ange Bordas sobre a mediação de leitura disse:

Como artista(educadora, fotógrafa e jornalista) me vejo sobretudo como mediadora, no sentido de atuar como interlocutora entre mundos, mas também como agente provocador. Agente provocador de quê? Um agente provocador de quem sabe despertar, re-despertar as pessoas, os jovens, as crianças, os adultos, os mais velhos, para seu próprio espaço, seu próprio entorno. E por meio dessa tentativa, desse despertar, criar novos espaços de visibilidade e de representação e de pensar a si mesmo.(no Conversas ao Pé da Página. Crianças e jovens no século XXI – leitores e leituras, 2013, p.82).

Aqui identifico palavras importantes nesta afirmação: *interlocutora entre mundos, agente provocador, re-despertar as pessoas, criar novos espaços*. Podemos de fato reconhecer essas palavras somente na mediação de leitura ou podemos também expandir para a contação de histórias?

A princípio vimos nesse Curso que mediar é aproximar, orientar, é uma troca de informações, há uma leitura de uma pessoa com a outra.

Vimos também que a mediação de leitura inicia desde a indicação de um livro para outra pessoa ler. Algumas pessoas de lá disseram que para essa indicação é importante nesse momento que o mediador seja sensível, saiba para quem, ou seja, quem é aquela pessoa, para depois apresentar o livro. É importante também que o mediador tenha seu próprio repertório, isso porque, muitas vezes, essa indicação partirá desse repertório construído ao longo de sua experiência. Mas, que em hipótese alguma deve haver uma imposição do mediador para com o leitor na escolha da leitura, seja o mediador lendo para esse leitor em voz alta seja apenas indicando para que ele mesmo faça sua própria leitura.

Mesmo seguindo esse raciocínio, nesse caso entendo que não há uma neutralidade do mediador na indicação do livro para o leitor, e há, claro, uma importância do repertório desse mediador. Cito uma frase de Giuliano Tierno de Siqueira(2013, p. 49), relatando a sua oficina de mediação de leitura como prática de interesse que aconteceu no I Fórum do Espaço de Leitura, ele fala dos tombos que levou no processo de seu trabalho de mediação de leitura, e concluo que se refere ao seu repertório:

O primeiro foi relacionado à necessidade de afirmar para mim mesmo que as minhas leituras e as minhas escolhas para o ato de ler não eram universais nem as melhores – mesmo quando corroboradas por uma comunidade de leitores constatadamente sofisticados e eruditos. O segundo foi a desconstrução de que a mediação, como conceito, é algo médio, algo que está no meio, numa espécie de neutralidade.

Giuliano ainda acrescenta “*Ler, para mim, na oficina ou fora dela, é um gesto de paixão e de afeto.*”(pag.50).

Considero que aquele mediador que deseja ser *o interlocutor entre mundos, o agente provocador, re-despertar as pessoas e criar novos espaços*, precisa em primeiro lugar ser apaixonado por leitura e por outros leitores tão apaixonados quanto ele. E a paixão tira a neutralidade de qualquer um. A indicação da leitura é saudável e a ideia é que as pessoas conquistem a sua autonomia para escolherem as suas próprias leituras. Isso também acredito que seja o objetivo da mediação de leitura.

Esse mediador tem uma função primordial e um grande valor nessa promoção da autonomia do leitor. A escritora Maria Tereza Andruetto diz o seguinte:

Acredito enormemente na construção leitora que pode fazer um mediador que trabalha e que faz, de fato, muito. (...) Não acredito no valor do escritor que vai ao lugar onde o livro não está, nem onde apenas uma pessoa leu seus livros. Ou seja, quem cria e quem abre os espaços de leitura são os mediadores, não são os escritores. São os mediadores que chegam a certos livros que consideram que vale a pena mover, promover. Então, respeito muito esse trabalho. (no *Conversas ao pé da página. Crianças e jovens no século XX: leitores e leituras*, 2013, pag. 78).

Portanto, há a função do mediador e o seu devido valor no campo da leitura, e quanto ao contador de história?

Considero que também podemos reconhecê-lo como aquele *interlocutor entre mundos, o agente provocador, aquele que re-despertará as pessoas e criará novos espaços*. Isso porque entendo que a contação de histórias também ocupa o seu espaço no âmbito da leitura. O contador de histórias e pesquisador de literatura infantil e tradição oral, Giba Pedroza diz o seguinte:

São muitas as ações e os projetos desenvolvidos em escolas, bibliotecas, hospitais, entidades sociais e empresas, que se utilizam da força e do encantamento que o contar histórias e a figura do contador de histórias trazem consigo. A atividade deixou de ser vista como simples atividade de lazer e entretenimento voltada ao público infantil e passou a ser reconhecida como um forte instrumento de aprendizado e de estímulo ao prazer de leitura. (Por que ler? Reflexões a partir do I Fórum do Espaço de Leitura, 2013, p. 45).

Ainda nesse Curso havia pessoas defensoras de que a mediação de leitura devia ter um caráter pedagógico, ou seja, de uma compreensão e interpretação do conteúdo com reflexões, debates e até trabalhos de ilustração. Outros defendiam que a mediação tinha que ser a leitura pela leitura, era aproximar a leitura das pessoas, e nisso a ideia não era formar um leitor compulsivo, mas apenas possibilitar a formação de leitor.

Aqui tínhamos um contraponto em relação à contação de histórias. Para alguns, por exemplo, numa leitura não é preciso falar as vozes de certos personagens para as crianças, no exemplo, a voz do lobo. É importante enfatizar simplesmente o texto, porém não engessar a

ação. Mais ainda, o mediador não tem a obrigação de passar a mensagem, ele precisa ser fiel ao texto, sem usar artifícios. Já o contador de histórias pode fazer várias nuances vocais, porque pode usar teatralização, tem vários estilos para apresentação, geralmente é em formato de espetáculo, trabalha a oralidade, o foco é o texto, mas raramente apresenta o livro, ou seja, o livro não é objeto em cena. O contador traz algo pronto, já interpretado da história para o ouvinte diferente da mediação de leitura que possibilita cada ouvinte interpretar à sua maneira. E para alguns do grupo qualquer pessoa pode ser um mediador de leitura diferente do contador de histórias que não pode ser qualquer pessoa. Aqui aproveito para citar Kelly Orasi sobre esse contador de histórias:

Seu processo de criação consiste na maestria de conduzir o fluxo imaginário à riqueza de significados de determinada obra literária; provenha ela da escrita ou da oralidade, é uma riqueza de significados que faz permanecer viva. (Teia de Experiências: reflexões sobre a formação de contadores de histórias, 2013, p.35).

Eram opiniões que de fato faziam sentido para os participantes daquele Curso, já que muitos estavam há muito tempo trabalhando com livros, leitura e histórias.

Naquele momento no Curso também foi dito que hoje, numa outra perspectiva, muitos mediadores estão mudando a característica dessa mediação de leitura, a mediação não é mais um espaço exclusivo de cunho pedagógico. Existe uma preocupação em aproximar as pessoas da leitura, formar esse leitor. Há, por exemplo, uma abertura para a interpretação de textos, mas não determinada como obrigatória. Há a leitura apenas pelo gostar ler. Uma frase de uma das instrutoras do Curso foi: *“É legal um livro que deixa ‘O que de fato aconteceu’? Deixa um gostinho de quero mais, não fecha uma conclusão. E o mediador não precisa fechar.”*

Acredito que esse jeito de mediar não é algo novo, é uma revisita a outras formas já realizadas há muito tempo atrás. Na publicação do Encontro do Conversas ao Pé da Página realizado em 2012, o poeta e romancista Paulo Lins lembra como era a leitura no seu tempo de menino:

E depois veio a escola e havia o momento da leitura, a professora lia histórias. Ela pegava o livro e lia para nós. Nós ouvíamos, mas também tinha o livro de ‘leitura silenciosa’. Era um livro rosinha, me lembro até hoje, todos os alunos liam no primário, no ginásio. Eram histórias curtas de Cecília Meireles, pedacinhos de Monteiro Lobato. Líamos pelo prazer de ler sem (isso era essencial) ter que responder quem era o protagonista, o antagonista, o clímax, o êxtase esse negócio todo que complica a vida da gente. Era o próprio prazer de ler. Isso fica fácil de entender quando pensamos que Machado de Assis escrevia para folhetim de jornal – grandes clássicos de Machado foram escritos assim e as pessoas liam. Drummond escreveu no Jornal do Brasil, Paulo Mendes Campos também. Aliás, a literatura, a leitura são coisas fáceis, não são difíceis. (Crianças e jovens no século XXI – leitores e leituras, 2013, p.. 81)

Agora, o contador de história que usa o livro como objeto e matéria para a sua contação também não deixa esse “gostar de ler”?

Ainda citando Paulo Lins,

Não é essa dificuldade toda, nem essa coisa toda que se fala sobre ‘A Leitura’.(...) A literatura é para um pessoal que deu sorte de ter alguém que o incentivasse. Por isso amo os contadores de histórias. (pag. 82).

O contador de histórias pode deixar esse “gostar de ler” tanto quanto o mediador de leitura, mas entendo que ambos possuem formas diferentes de desenvolver o seu trabalho, mesmo usando o livro como objeto e matéria na apresentação de uma história.

Com o livro tenho descobertas, e é com ele que sou contadora de história. A história é minha matéria-prima e o livro é o objeto e a matéria que a contém. E no meu contar me aproprio de situações e artifícios que formam um conjunto com o livro, portanto, não é apenas a leitura de um livro em voz alta e tampouco a possibilidade apenas da indicação de uma leitura para o leitor, há um conjunto de tantas coisas que me faz ser uma contadora de histórias, com um estilo diferente, forma diferente de contar. Com certeza sou mais uma contadora de história, mas, como escreveu Giba Pedrosa sobre o Curso Básico de Formação de Contadores de Histórias também realizado pela Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo:

O tempo e a minha experiência me ensinaram a não ter pressa e nem pretender chegar a uma resposta definitiva. Embora possa parecer lugar-comum dizer que cada um descobre o contador que há dentro de si e que não há um modelo único e nem um ‘manual de conduta’ estabelecido para todos contadores, acredito nisso cada vez mais, e o curso de formação reforçou essa convicção. (Teia de Experiências: reflexões sobre a formação de contadores de histórias, 2013, p.74).

Alguns dos participantes do Curso de Formação de Multiplicadores de mediadores de leitura quando disseram que contar história com o livro não é contação de histórias, acredito que se remetiam também àqueles contadores que usam exclusivamente a narrativa oral. A Cléo Busatto (2003, p.10) também pensa assim:

Contar histórias ainda está excessivamente ligado ao livro. Geralmente, enquanto o professor lê, ele aproveita as figuras para ilustrar sua leitura, o que por si descaracteriza a narrativa, que pressupõe a voz sendo materializada e os afetos sendo oferecidos aos ouvintes, sem que nenhum outro elemento interfira nessa performance. Acredito que ler histórias para os alunos é uma prática que ocupa um significativo espaço no processo pedagógico, porém contar histórias vem a ser outra técnica, e nos remete àquela figura ancestral, que, ao redor do fogo, ou ao pé da cama, contava histórias pra quem quisesse ouvir, narrava contos do seu povo, àquilo que havia sido gravado na memória através da oralidade.

Eu não apenas leio a história que está no livro, eu conto a história que está no livro. Já vi a atriz e contadora de histórias Ana Luísa Lacombe contar história com o livro e fiquei admirada com a sua narrativa. Inclusive, ela sugere algumas formas de contar com o livro:

Se escolhi um bom livro e o terei em mãos, vou lê-lo. Isso é meio caminho andado no quesito da qualidade de texto. Ele está definido, e só tenho que transmiti-lo de forma envolvente e clara. Leia antes a história em voz alta, ouça sua voz narrando-a e brinque com ela. (Teia de Experiências: reflexões sobre a formação de contadores de histórias, 2013, p.53).

Ainda para enfatizar a presença do livro na contação de histórias, lembro-me do Curso que fiz no início do ano de 2014 “O livro na arte de contar histórias” com o contador de histórias Carlos Sereno da Associação Viva e Deixe Viver, uma organização social que desenvolve atividades com contadores de histórias em hospitais para crianças e adolescentes. Esse Curso tinha como objetivo “*Exploração do livro como ponto de apoio na narração de histórias*”. Nele, Carlos Sereno sugeriu várias formas para contar as histórias com o livro, como por exemplo: contar iniciando com a apresentação do livro, sua capa, suas ilustrações, até o final, depois acrescentar algumas outras informações sobre o livro ou sobre o autor; contar a história original e depois dar as variantes daquela história, ou seja, contar outras narrativas que foram criadas a partir daquela história; contar apenas mostrando as ilustrações do livro sem a narrativa oral; contar valorizando as onomatopeias, os trava-línguas e as rimas.

O livro é de fato uma forma de se apresentar uma história. Ele tem sua presença na mediação de leitura e na contação de histórias, e isso acontece de formas diferentes, porém, o livro não deixa de exercer a sua função que é o de permitir “o descobrir”. Descobrir as histórias através dele. E para mim, o mais apaixonante é contar essas deliciosas histórias com o livro e ver a alegria e o entusiasmo de muitos que a ouvem.

Considerações finais

Contar histórias com o livro aconteceu comigo espontaneamente e com a minha participação em cursos tive uma formação que me permitiu uma compreensão sobre o trabalho que hoje realizo. Vejo o quanto é importante participar desses cursos que dizem respeito a nossa prática e ao nosso trabalho. Essa formação me possibilitou identificar e caracterizar o uso do livro na minha contação de histórias.

A minha compreensão do livro como objeto e matéria permitiu pensá-lo em sua forma física e também em seu conteúdo a ser contado, nesse caso, a história a ser contada. Uma

história que desperta para o “descobrir”, e que possibilita uma experiência em cada leitor e em cada ouvinte.

Quando penso o livro assim, ele tem uma grande importância e significado na minha narrativa, comigo mesma e com os ouvintes. Porque não é o livro simplesmente por ele mesmo, ele tem característica e definição, ele tem cheiro, tem forma, tem palavra, tem conteúdo, e claro, tem a história.

A presença do livro na contação de histórias traz o que nos despertará, ele traz a história, a qual pode ser de um livro de literatura ou de um Livro Sagrado. O livro que é o objeto e a matéria e a história que é a matéria-prima.

Mesmo utilizando o livro de literatura no meu ato narrativo, destaquei aqui como meu principal repertório a Bíblia, que é um conjunto de livros com diversas histórias e que é o Livro Sagrado dos cristãos. E novamente ressalto que ao disseminar as histórias desse Livro, este não deixa de ter o seu caráter Sagrado, para aqueles que acreditam com esta dimensão, apenas as suas histórias se tornam públicas e, portanto, acredito mais conhecidas.

Ainda, compreendo que não esgotei a discussão sobre o uso do livro na contação de histórias e na mediação de leitura, até porque o intuito não era o seu esgotamento e sim apresentar brevemente alguns pontos da discussão para identificar e caracterizar o meu trabalho com o uso do livro, que é a contação de histórias.

Numa forma muito simples de demonstrar o significado do livro para mim na contação de histórias, escrevo a seguir:

E por que ele, o livro?

Às vezes o escolho

Mas às vezes ele me escolhe

Numa escolha e noutra, nos encontramos

Entre as suas duas capas o admiro

Admiro o seu conteúdo e as suas imagens

Ele me impressiona

É alegre, é muito divertido

Às vezes me faz chorar

Fico emocionada

E quando fico confusa?

E quando fico com medo?

Têm momentos que tudo é tão estranho
Têm momentos que tudo é tão claro
Têm momentos que tudo é tão lindo
Têm momentos que tudo é tão feio
Quantas situações ele provoca em mim
E tudo isso quero compartilhar no meu contar
No meu contar a história que nele está escrita
Nele, ele, o livro
O seu corpo entra e sai de cena
A sua essência fica
Fica porque a história que nele contém permanece
Permanece até o fim do meu contar
Ele, o livro, objeto e matéria, contém a história
A história que é a matéria-prima do meu contar.

Referência bibliográfica e Webgrafia

- BARKER, Kenneth (org. geral). Bíblia de Estudo NVI-Nova Versão Internacional; coorganizadores Donald Burdick...[et, al.]. São Paulo. Editora Vida, 2003.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade de Barçela, Espanha, nº 19, 2002.
- BUSSATTO, Cléo. Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa. 6ª ed.- Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2011.
- FRAGA, Tatiana(org). Por que ler? Reflexões a partir do I Fórum do Espaço de Leitura. Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, junho, 2013.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 51ª edição. São Paulo, Cortez, 2011.
- GIRALDI, Luiz Antonio. História da Bíblia no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- KASCHEL, Werner. Dicionário da Bíblia de Almeida. Werner Kaschel e Rudi Zimmer. – Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- LACOMBE, Ana Luísa de Mattos Masset (org.). Teias de experiências: reflexões sobre a formação de contadores de histórias. São Paulo: CSMB, 2013.83p.
- LEGEAY, Chloé. Para que serve um livro? Ilustrações da autora.Tradução Márcia Leite, São Paulo, Editora Pulo do Gato, 2011.
- Manual Bíblico SBB; tradução de Lailah de Noronha. Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- MELOT, Michel. Livro,. Cotia, São Paulo, Ateliê Editorial, 2012. (Coleção Artes do Livro).
- MCCAIN, Murray. Livros! Ilustrações John Alcorn; tradução Mauro Gaspar, Rodrigo Lacerda. 1.ed., Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014.
- MILLER, Stephen M. & Robert V. Huber. A Bíblia e sua história – o surgimento e o impacto da Bíblia. Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- PADRES, Dolores. Crianças e jovens no século XX: leitores e leituras. São Paulo: Livros da Matriz, 2013. (Conversa ao Pé da Página).
- SHEDD, Russel P. Bíblia Shedd; traduzida em português por João Ferreira de Almeida. – 2 ed. Revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil,1997.

TIERNO, Giuliano (org). A arte de contar histórias - abordagens poética, literária e performática. São Paulo. Ícone, 2010.

Ministério da Cultura – MinC - <http://www.cultura.gov.br/pnll>